



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Leitura do espaço urbano: da teoria à intervenção urbana.

Reading the urban space: from theory to urban intervention.

Lectura del espacio urbano: de la teoría a la intervención urbana.

KLEIS-PEREIRA, Andréa L.

Mestre, Universidade do Vale do Itajaí, arq.andreakleis@gmail.com

RESUMO

O artigo explora a metodologia de ensino utilizada na disciplina de Planejamento Urbano I (segundo período), no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Itajaí, localizada em Balneário Camboriú - SC. A ementa da disciplina solicita o estudo da morfologia urbana e suas transformações no tempo buscando a relação entre teoria e prática. O objetivo central é realizar leituras urbanas, relacionando a teoria à prática resultando em propostas de intervenção urbana. As leituras espaciais são realizadas em recortes do município de Balneário Camboriú-SC, baseadas nas teorias de Lamas (2011), Jacobs (2011) e Lynch (1997) através de mapeamentos e maquete volumétrica. As propostas de intervenção refletem o referencial teórico a partir de análises e reflexões sobre a área de estudo e suas articulações com o tecido urbano.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, leitura do espaço urbano, intervenção urbana.

ABSTRACT

This article explores the teaching method used in the discipline of Urban Planning (second period) of the course in Architecture and Urban Studies of the University of Vale do Itajaí, in Balneário Camboriú, Santa Catarina. The course contents of the discipline includes the study of the urban morphology and its transformations over time, seeking to relate theory to practice. The central objective is to perform urban readings, linking theory and practice, resulting in proposals for urban intervention. The spatial readings are performed in sections of the town of Balneário Camboriú-SC, based on the theories of Lamas (2011), Jacobs (2011) and Lynch (1997) through mappings and a volumetric model. The proposed interventions reflect the theoretical framework, based on analyses and reflections on the area of study, and their articulations with the urban network.

KEY-WORDS: teaching, reading of the urban space, urban intervention.

RESUMEN

El artículo explora la metodología de la enseñanza utilizada en la asignatura de Planeamiento Urbanístico I (segundo semestre), en el curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad del Vale do Itajaí, realizado en Balneário Camboriú-SC. El temario de la asignatura solicita el estudio de la morfología urbana y sus transformaciones a través del tiempo, buscando la relación entre teoría y práctica. El objetivo central es realizar lecturas urbanas, relacionando la teoría a la práctica, que resulten en propuestas de intervención urbana. Las lecturas espaciales se realizan en recortes del municipio de Balneário Camboriú-SC, basadas en las teorías de Lamas (2011), Jacobs (2011) y Lynch (1997), a través de levantamientos cartográficos y maqueta volumétrica. Las propuestas de intervención reflejan el marco referencial teórico a partir de análisis y reflexiones sobre el área de estudio y sus articulaciones con el tejido urbano

PALABRAS-CLAVE: enseñanza, lectura del espacio urbano, intervención urbana.

1 INTRODUÇÃO

O artigo explora a metodologia de ensino utilizada na disciplina de Planejamento Urbano I (segundo período), do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Itajaí, localizada em Balneário Camboriú - SC. A ementa da disciplina solicita o estudo da morfologia urbana e suas transformações no tempo buscando a relação entre teoria e prática.

Segundo Lamas (2011) a morfologia urbana é o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores e na sua produção e transformação no tempo. Os estudos de fenômenos sociais e econômicos convergem na morfologia como explicação da produção da forma urbana.

Não se trata de uma discussão metodológica entre autores, mas da leitura do espaço urbano baseada na teoria de autores, contribuindo para a formação conceitual e construção de ideias de um estudante de arquitetura. “O conhecimento do meio urbano implica necessariamente a existência de instrumentos de leitura que permitam organizar e estruturar os elementos apreendidos, e uma relação objeto-observador” (LAMAS, 2011, p.37).

Desta forma, estudam-se os elementos morfológicos segundo os conceitos de Lamas (2011), observa-se a cidade do ponto de vista de quem vive o cotidiano (JACOBS, 2011) e identifica-se a imagem da cidade e seus elementos segundo Lynch (1997).

Visando despertar no aluno o interesse do futuro arquiteto pelos problemas do urbanismo, as seguintes perguntas de pesquisa são lançadas:

1. Como ler a cidade?
2. Como entender a leitura da cidade?
3. Como os resultados da leitura da cidade podem ser aplicados?

Objetivos

Os objetivos da disciplina estão descritos a seguir e foram utilizados como guia para o desenvolvimento dos trabalhos.

Objetivo geral: Realizar leituras urbanas, relacionando a teoria à prática para proposta de intervenção urbana.

Objetivos específicos:

1. Realizar a leitura de recortes do espaço urbano segundo conceitos de Lamas (2011), Jacobs (2011) e Lynch (1997) através de mapeamentos;
2. Analisar pontos positivos e negativos das leituras realizadas e lançar diretrizes de projeto;
3. Desenvolver proposta de intervenção urbana no recorte estudado.

Considerando-se o contexto local da Universidade, tomou-se o município de Balneário Camboriú como laboratório para as leituras e análises, identificando suas potencialidades e deficiências. A abordagem metodológica será baseada nos textos solicitados.

2 PRINCÍPIOS CONCEITUAIS

O suporte para os princípios conceituais da disciplina foram dados por Lamas (2011), Jacobs (2011) e Lynch (1997), buscando sempre relacionar a teoria à prática. Também é importante entender a intervenção urbana como processo de Desenho Urbano. O Desenho Urbano é um campo multidisciplinar do conhecimento, que se desenvolveu a partir da década de 1960 em muitos países, como reação ao urbanismo e à arquitetura modernistas e à destruição às comunidades e a tecidos urbanos tradicionais que esse paradigma ocasionou. Foi neste contexto que Jacobs (2011) chamou a atenção para a destruição da diversidade urbana gerada pelo planejamento e os projetos urbanos modernistas e contribuindo para o surgimento do Desenho Urbano.

Vicente Del Rio define Desenho Urbano como o “[...] campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas” (DEL RIO, 1990, p.54). Segundo ele, o autor mais influente no campo do Desenho Urbano, foi o americano Kevin Lynch.

Lamas (2011) destaca que o Desenho Urbano exige domínio do processo de formação da cidade, que é histórico e cultural e da forma urbana. Para o autor a forma urbana é constituída por partes físicas associadas e estruturadas as quais ele chama de elementos morfológicos. “Um estudo de morfologia urbana ocupa-se da divisão do meio urbano em partes (elementos morfológicos) e da articulação destes entre si e com o conjunto que definem - os lugares que constituem o espaço urbano” (LAMAS, 1990, p.38). Quando à unidade de leitura, a compreensão e concepção das formas urbanas colocam-se em diferentes níveis permitindo-se recortar o espaço em partes identificáveis. Nesta ordem de

idéias, podem ser estabelecidas escalas ou dimensões de leitura da forma urbana. A identificação dos elementos morfológicos pode ser analisada a partir da dimensão setorial ou escala da rua, da dimensão urbana ou escala do bairro e da dimensão territorial ou escala da cidade. Esta classificação estabelecida pelo autor apóia-se em classificações anteriores apontadas por Tricart e Rossi (apud LAMAS, 2011). Torna-se importante definir a escala de leitura para que sejam estabelecidos quais elementos mínimos na forma urbana serão analisados. Sendo assim, para identificar as partes da forma urbana, são utilizados os seguintes elementos morfológicos: o solo/o pavimento, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, a árvore e a vegetação e o mobiliário urbano.

No entanto, a forma urbana não diz respeito apenas à concepção estética, ideológica, cultural ou arquitetônica, mas também está ligada e influenciando o comportamento, apropriação e utilização do espaço, a vida comunitária dos cidadãos.

Com o objetivo de introduzir novos princípios no planejamento urbano como crítica ao urbanismo modernista, Jacobs explica a necessidade de investigar o mundo real por parte dos planejadores urbanos: “[...] observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles” (JACOBS, 2011, p.12). Um dos princípios mais abordados pela autora é a necessidade que as cidades têm de diversidade de usos proporcionando sustentação mútua econômica e social. Parte de evidências e destaca quatro condições primordiais para gerar diversidade urbana e conseqüentemente vitalidade urbana: necessidade usos principais combinados para garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes; necessidade de quadra curtas considerando que as oportunidades de virar as esquinas devem ser frequentes; necessidade de prédios com idades e estado de conservação variados de modo a gerar rendimento econômico variado e necessidade de concentração com alta densidade de pessoas promovendo a vida urbana com qualidade de moradia. Importante também destacar a importância da existência de uma vizinhança diversificada nas proximidades de parques de bairros, capaz de utilizá-los e mantê-los. O vínculo da população com o parque tende a ser maior quando este apresenta quatro elementos importantes em seu projeto assim identificados pela autora: complexidade ou multiplicidade de motivos que a pessoa tem para freqüentar o lugar; centralidade ou lugar reconhecido como centro e local de destaque; insolação tendo a presença ou ausência do sol de acordo com as estações e delimitação espacial resultado da construção de edifícios no entorno



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

do parque. Esta delimitação espacial mesclada com a presença de usos como lojas, bares, restaurantes enfim um comércio variado, também proporciona segurança às pessoas que freqüentam o parque e que circulam nas vias e calçadas. Nas palavras da autora: “Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona” (JACOBS, 2011, p.29).

Para investigar o mundo real, observar as cenas cotidianas e entender o significado das cidades é fundamental perceber o espaço urbano. Entende-se percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos e principalmente cognitivos (DEL RIO, 1999).

Mecanismos perceptivos são dirigidos por estímulos externos, captados através dos cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar), sendo a visão a que mais se destaca (GIBSON, 1966 apud DEL RIO, 1999).

Mecanismos cognitivos são aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente (MOORE & GOOLEGE, 1976; FISKE & TAYLOR, 1991 apud DEL RIO, 1999).

Lynch (1997) afirma que há que se considerar a cidade como objeto de percepção de seus habitantes e que estes a estruturam e identificam a partir de orientações: a sensação visual da cor, da forma, do movimento da luz, assim como o cheiro, o ouvido, o tato, a cinestesia. Para que exista imagem, faz-se necessário uma relação objeto-observador e são estas imagens coletivas que interessam aos planejadores e que devem ser procuradas na composição urbana. A relação do cidadão com a cidade, suas memórias e significações são assim explicadas: “Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis” (LYNCH, 1997, p.11). O significado social de um local, sua função, sua história ou seu nome também influenciam sua imagem, no entanto o autor busca descobrir a imagem da forma urbana.

A forma física é classificada a partir de cinco elementos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. A facilidade ou não com que estes elementos podem ser reconhecidos tornam a cidade mais ou menos legível. A legibilidade de uma cidade é uma qualidade visual e analisá-la visa mostrar a importância deste conceito na produção do espaço urbano. A partir dos princípios conceituais mencionados, é possível compreender a importância da intervenção urbana como

processo de desenho urbano fundamentado nas teorias estudadas e que servirá de base para a proposta metodológica adotada.

3 METODOLOGIA

A abordagem metodológica será baseada na leitura do espaço urbano considerado um importante instrumento de entendimento da forma urbana requerendo, portanto uma área de estudo. A área escolhida para a realização das leituras foi o município de Balneário Camboriú, destino turístico consolidado estando entre as 15 melhores cidades turísticas do Brasil, e que enfrenta problemas de infra-estrutura, mobilidade, sombreamento da faixa de areia, entre outros decorrentes de um acelerado processo de produção edilícia. Segundo a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, a cidade recebe cerca de 4,5 milhões de turistas por ano (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015).

Balneário Camboriú situa-se no Vale do Itajaí, litoral centro-norte do Estado de Santa Catarina, a 81 km da capital Florianópolis. Abrange uma área de 46,244 km² cujos limites geográficos são: ao norte, Itajaí (SC); ao sul, Itapema (SC); ao leste, Oceano Atlântico; ao oeste, Camboriú (SC). Possui população de 108.089 habitantes (IBGE, 2015) e densidade demográfica de 2.337,67 hab/km².

As etapas da metodologia de ensino aplicadas no desenvolvimento da disciplina estão descritas a seguir.

Etapa 1: Leituras de recortes do espaço urbano

O estudo de morfologia urbana aplica-se a diversas grandezas: a forma de uma praça, uma rua, um bairro, uma cidade ou metrópole (LAMAS, 2011). Utilizando os conceitos de Lamas (2011), Jacobs (2011) e Lynch (1997), as leituras dos recortes visam atender o **objetivo 1** que trata de realizar a leitura de recortes do espaço urbano. Os recortes são definidos a partir de áreas de interesse, previamente identificadas com conflitos e elementos que justifiquem uma proposta de intervenção. Utiliza-se a escala do bairro delimitando-se algumas quadras, partes de bairros e não necessariamente o limite legal do bairro. A sala é dividida em equipes e cada equipe recebe recorte de uma área do município de Balneário Camboriú, SC. Disponibiliza-se mapa base em programa AUTO CAD do ano de 1997. Este mapa deve ser atualizado pelas equipes (vias e edificações), sendo produzido um mapa da situação atual.

A leitura segundo Lamas

Apresenta-se o livro *Morfologia urbana e desenho da cidade* (LAMAS, 2011) através de aula expositiva montada a partir do capítulo 2.5 Os elementos morfológicos do espaço urbano. Este capítulo explica cada elemento morfológico: o solo/o pavimento, os edifícios, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, a árvore e a vegetação e o mobiliário urbano. Solicita-se como atividade, seminário com levantamento de imagens para cada elemento morfológico, seus conceitos e análises. Para dar suporte às análises, algumas perguntas são formuladas aos alunos: Como é o solo quanto ao relevo? E quanto à pavimentação? Os lotes e quarteirões são regulares, irregulares, grandes, pequenos? Qual relação do edifício com o lote? Acompanha a forma do lote, ocupa todo o lote? Identificar tipologias de fachadas predominantes, diferenciadas. Por que você identificou tais tipologias? Há muita ou pouca área de logradouro? Por quê? O traçado é regular, irregular, apresenta relação com o suporte geográfico? A praça destacada parece ter um desenho intencional ou parece ser sobra de terreno? O monumento apresenta significação social, histórica ou cultural? A vegetação define, contem e organiza o espaço? De que forma? Qual a qualidade do mobiliário urbano existente? Existem conflitos?

A leitura segundo Jacobs

O livro *Morte e vida das grandes cidades* (JACOBS, 2011), é apresentado através de aula expositiva do capítulo da introdução. Solicita-se Seminário Teórico dividindo-se o livro por capítulos e equipes. As equipes devem montar apresentação do capítulo recebido, extraíndo os temas mais importantes, buscando imagens dos locais referenciados no livro e relacionando, quando possível, com a área de estudo. Os temas são discutidos durante as apresentações. Em outra atividade, faz-se a leitura do recorte através dos mapas (esc. 1:2000) de hierarquia viária e fluxos, uso do solo, gabarito e maquete volumétrica de uso do solo (esc. 1:1000). A maquete representa o espaço e pode ser uma importante ferramenta de discussão sobre o projeto urbano e hoje, é buscada pelas oficinas de discussão envolvendo o poder público, técnicos, planejadores e habitantes em situações de motivação ou de participação (DUARTE; VILLANOVA, 2013).

As análises devem contemplar aspectos referentes à vitalidade urbana, volume de tráfego, circulação de pessoas, se a rua parece interessante ou não, a presença ou não dos geradores de diversidade e elementos importantes para praças e parques como complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A leitura segundo Lynch

Solicita-se a leitura do livro *A imagem da Cidade* (LYNCH, 1997) e a partir do capítulo III – A imagem da cidade e seus elementos discutem-se os elementos de legibilidade: vias, limites, bairros (setores), marcos e nós. Como atividade, pede-se a apresentação da leitura do recorte ampliado em imagem de satélite a partir do programa Google Earth. Os elementos de legibilidade vias, marcos e nós são identificados a partir de três níveis de relevância (baixa, média e alta). Para a análise dos setores são consideradas as características físicas homogêneas do recorte como forma, tipo de edifícios e atividades. Os limites considerados são de ruptura (rio, mar, morro, rodovia) e costura (algumas ruas, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e se encontram). Os elementos são identificados a partir da percepção do grupo.

Etapa 2: Interpretação dos dados

Após as leituras e mapeamentos, as equipes atendem o **objetivo 2** que trata de elaborar quadro síntese com pontos positivos e negativos das leituras realizadas e mapa de diretrizes de projeto. A equipe deve selecionar duas diretrizes que se complementem a serem desenvolvidas na etapa da intervenção urbana.

Etapa 3: Intervenção Urbana

Nesta etapa, as equipes apresentam estudos de caso, visando à formação de repertório projetual, relacionados às propostas de intervenção urbana a serem desenvolvidas atendendo o **objetivo 3**.

Como referência de desenho, expressão gráfica e análises do contexto e entorno imediato indica-se o livro *Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público* (ALEX, 2011). Este livro aborda o processo de projeto e tem na sua metodologia de pesquisa o desenho como principal meio de investigação além de estimular o estudo sobre o uso do espaço público. As propostas são desenhadas à mão na escala 1:500 e o local de intervenção deve ser atualizado na maquete apresentada na Etapa 1.

4 RESULTADOS

Com o desenvolvimento do trabalho, as perguntas de pesquisa lançadas puderam ser elucidadas. A leitura da cidade realizada a partir da literatura estudada associada aos mapeamentos, análises,



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

imagens e desenhos mostram ao aluno a importância da teoria associada à prática. A atualização do mapa de 1997 revela a situação atual e mostra o processo de transformação da cidade.

Através da identificação de elementos morfológicos segundo Lamas (2011), conheceram-se as formas estruturadoras dos recortes e o modo como estas se inter-relacionam. Quanto ao solo, é identificado o relevo, se plano ou acidentado e os tipos de pavimentações de vias e calçadas com observações quanto ao estado de conservação e segurança. O edifício é identificado como aquele que se destaca no recorte, o grão maior ou com forma diferenciada. O quarteirão e o lote são elementos de fácil identificação pelos alunos, sendo comparados quanto ao tamanho, se regulares ou irregulares, relação com espaço geográfico devido à presença de morros, mar ou rio. Aqui também são registradas observações da relação do edifício com o lote. No elemento fachada, as tipologias predominantes mais desenhadas dependem da tipologia presente no recorte: casas e prédios antigos ou modernos e a fachada de igrejas também é destaque. A existência ou não de logradouro, é geralmente relacionada com a tipologia edificada: recorte onde predominam casas apresenta maior área de logradouro, enquanto onde há prédios este elemento é reduzido. Explica-se que no Brasil logradouro é a rua, diferente da definição utilizada pelo autor. O traçado registra aspectos quanto à largura das vias e grau de importância destas dentro do espaço analisado. Quanto à praça, surgem observações quanto à intenção, se projetada para esta função, se foi sobra de terreno e se é utilizada pela comunidade como opção de lazer. Na falta de monumentos como marcos social, histórico e cultural, a igreja aparece constantemente como monumento, junto de bustos e lápides em praças. A ausência de monumentos segundo Lamas reflete o vazio cultural das gestões urbanísticas contemporâneas. O levantamento da vegetação mostra a ausência desta nas áreas públicas, revelando no conjunto da análise dos recortes como pouco arborizada é a cidade e também aparecem observações quanto à impossibilidade de plantar árvores devido à pequena largura dos passeios existentes. Os elementos mais destacados no mobiliário urbano são lixeiras, postes, bancos de praça e parques infantis e análises quanto ao estado de conservação dos equipamentos nas praças e existência de conflito geralmente entre o mobiliário e o passeio.

As análises referentes aos levantamentos com base nos conceitos de Jacobs (2011) são focadas nos geradores de diversidade. Mostram uma forte relação do uso do solo com vias principais e gabarito nos recortes do centro da cidade, sendo as vias com maior movimento de carros e pedestres as que possuem a maior diversidade de usos, e maior número de prédios com gabarito acima de dez pavimentos. Nos recortes dos outros bairros a diversidade de usos também aparece nas vias de

maior fluxo de pedestres e veículos, porém predominam tipologias de até 2 pavimentos. A malha urbana mostra a existência de quadras curtas e longas. Durante os levantamentos de campo, os alunos identificam os longos percursos (há quadras com até 700m) ao caminhar e entendem a importância das quadras curtas e de poder de virar esquinas com maior frequência. Por se tratar de uma cidade turística com forte especulação imobiliária, o valor dos imóveis e dos aluguéis de apartamentos e salas comerciais faz o aluno refletir sobre a necessidade e importância de prédios antigos possibilitando a diversidade de renda quanto à moradia e trabalho. Neste estudo a densidade não é encarada como matemática, mas esta é entendida como a necessidade de concentração de pessoas com qualidade de moradia e não com superlotação de pessoas.

Após as leituras de Lamas (2011) e Jacobs (2011), os alunos mostram bom conhecimento do recorte de estudo e a leitura de Lynch (1997) é realizada a partir da percepção dos mesmos. Algumas análises mostram a relação existente entre setores homogêneos, limites de costura e caminhos de alta relevância. Outras mostram a concentração de marcos e nós em setores com atividades comerciais. Nota-se maior dificuldade em identificar setores e limites de costura. Os setores são muitas vezes identificados somente como uso do solo, sem considerar tipologia, forma, textura. A existência ou não de legibilidade também é mencionada.

Finalizada a **Etapa 1** das leituras urbanas, parte-se para a **Etapa 2**, onde as análises são relacionadas num quadro síntese, sendo identificados os pontos positivos, negativos e lançadas propostas de diretrizes. Percebe-se que os alunos apresentam maior facilidade em sintetizar os resultados e lançar propostas baseados nos conceitos de Jacobs (2011), depois Lamas (2011) e por último Lynch (1997). As diretrizes mais utilizadas nas propostas são destacadas no quadro 1:

Quadro 1: diretrizes mais utilizadas nas propostas

Autor	Diretrizes
Lamas	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar pavimentação das calçadas; • Melhorar praça existente com vegetação e mobiliário urbano de qualidade; • Criar monumento.
Jacobs	<ul style="list-style-type: none"> • Gerar diversidade de usos; • Proporcionar vitalidade em áreas monótonas; • Adensar vazios urbanos; • Abrir ruas em quadras longas; • Criar espaços públicos com qualidade.
Lynch	<ul style="list-style-type: none"> • criar marcos; • Melhorar a legibilidade.

As diretrizes lançadas no mapa síntese e a proposta de intervenção pertinente à **Etapa 3** também refletem maior apropriação por parte do aluno dos conceitos de Jacobs (2011). Os trabalhos são desenvolvidos à mão e têm-se notado melhora nos resultados de graficação, análise do contexto e entorno imediato a partir da utilização na disciplina do livro Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público (ALEX, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do levantamento dos elementos morfológicos, conheceram-se as formas do recorte, suas estruturas e obteve-se o entendimento de que a cidade como um todo passa por processos de transformação no tempo. As cenas cotidianas, as condições para a diversidade e vitalidade urbana, a importância das calçadas, dos parques de bairro, aspectos de decadência e recuperação da cidade foram destacados segundo Jacobs (2011) e adaptados ao contexto da realidade atual. Importante que o aluno fixe que a vitalidade urbana deve ser garantida através dos geradores de diversidade: mescla de usos e usuários, edificações de idades e estados de conservação variados, necessidade de concentração de pessoas e quadras curtas.

A imagem da cidade e seus elementos (LYNCH, 1997) foram entendidos como resultado da percepção de pessoas ou grupo de pessoas que podem contribuir para o processo de urbanização do espaço urbano. Visando melhorar os resultados relacionados a este autor, serão incluídas na metodologia, entrevistas buscando a percepção da população local e não somente a percepção dos alunos.

As intervenções urbanas elaboradas refletem o processo de aprendizagem onde os usos, acessos, integração com o entorno e articulação com o tecido urbano são definidores das propostas para a construção da paisagem da cidade sob o olhar do aluno.

As análises dos pontos positivos e negativos existentes nos recortes transferidas para um mapa de diretrizes de projeto revelam como os resultados das leituras do espaço urbano baseados em autores historicamente consagrados podem ser utilizados nas ações de propostas de projetos contemporâneos. “Não é novidade que se aprende ensinando e que o arquiteto precisa ultrapassar alguns anos de trabalho para atingir suas melhores capacidades” (LAMAS, 2011, p.19). Muito se aprendeu, mas novas questões surgiram e a metodologia de ensino continua em busca de novos olhares sobre o espaço urbano, formas de interpretá-lo e formas de ensiná-lo.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

6 REFERÊNCIAS

ALEX, S. *Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público*. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

DEL RIO, V. *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.

_____. Cidade da Mente, Cidade Real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Org.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1999. p. 3-22.

DUARTE, C. R.; VILLANOVA, R. de. Olhares sobre o lugar. In: DUARTE, C. R.; VILLANOVA, R. de. (Orgs.). *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia*. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2013. p. 7-17.

IBGE. Cidades: Balneário Camboriú, dados populacionais. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 mai.2015.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011.

LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia Urbana e desenho da Cidade*. 6. ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Notícias: Balneário Camboriú é o destino mais competitivo na área social*. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20150106.html>. Acesso em: 19 mai.2015.